

COMENTÁRIOS AO TRABALHO DE CRÍTICA TEXTUAL DO ACADÊMICO ANTÔNIO JOSÉ CHEDIK SOBRE *TRAGÉDIA NO MAR*, DE CASTRO ALVES¹

Horácio Rolim de Freitas

(UERJ, ABRAFIL e Liceu Literário Português)

A Academia Brasileira de Letras publicou no ano 2000, pela Coleção Afrânio Peixoto, a obra *Castro Alves: Tragédia no Mar (O Navio Negreiro)*, de autoria de Antônio José Chediak, que cotejou o Manuscrito com sessenta e três textos integrais e cinco parciais, num total de 15.998 versos.

Lendo-se todo o trabalho filológico de A. J. Chediak, num volume de 695 páginas, comprova-se a tarefa ingente a que se submeteu o erudito mestre de nossa Academia, bem como a dedicação à língua portuguesa e à nossa literatura.

O roteiro da obra fixa-se dentro dos princípios da Crítica Textual, conforme nos ensina o emérito especialista no assunto, o acadêmico Maximiano de Carvalho e Silva, em artigo publicado na *Confluência*, n.º 7, de 1994.

A Crítica Textual apresenta método rigoroso de investigação histórico-cultural e genética. Toma os textos como expressões de cultura pessoal e social, com as preocupações fundamentais de verificar a autenticidade dos mesmos, a fidedignidade e a autenticidade da sua transmissão através do tempo e de cuidar de interpretá-los.

O Prof. Maximiano especifica, então, as principais tarefas da Crítica Textual:

- O estudo e classificação dos textos e das edições
- O exame da tradição textual e da fidelidade das transcrições, cópias e edições.

A obra do Prof. Chediak está rigorosamente dentro desses princípios científicos, como iremos comprovar.

No Prefácio, o A. nos diz que não compara o seu trabalho às edições de textos críticos. Procura fazer um estudo do texto *Tragédia no Mar* que atenda não apenas ao interesse de eruditos na matéria, mas também a leitores não iniciados nas questões filológicas. Destaca a importância da publicação de manuscritos autógrafos encontrados após a morte do autor. Lembra, ainda, que “da dificuldade de acesso aos originais autógrafos é que se originam muitas das péssimas edições de nossos poetas e prosadores.”

O manuscrito autógrafo da *Tragédia no Mar* encontra-se no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Este original pertenceu a Múcio Teixeira que o recebera, com dedicatória, de D. Adelaide de Castro Alves Guimarães.

1 Palestra proferida na Academia Brasileira de Filologia, em 26/10/2 002.

O Prof. Chediak obteve fotocópia desse exemplar através do amigo Américo Jacobina Lacombe.

O trabalho de crítica textual já começa pela 1.^a edição do poema, ocorrida em 1869 e publicada no Jornal Literário *O Myosote*, tipografia da Opinião Liberal, RJ. O Prof. Chediak explica que, dos 240 versos, há 135 formas divergentes em relação ao texto autógrafo, concluindo que C. A. não reviu a 1.^a publicação.

Atribui-se a não revisão à vida atormentada do poeta desde 1868, quando compôs o poema. Contribuíra para sua intranquilidade o afastamento de Eugênia Câmara e, principalmente, o acidente em que feriu o pé com um tiro de espingarda.

Suas maiores atribulações e sofrimentos passou-os em 1869, quando justamente se dá a 1.^a edição do texto.

Daí a pergunta que faz o Prof. Chediak: “Que disposição teria o Poeta para rever provas tipográficas mesmo de seu famoso poema e alterá-lo como se indicou?!”

O Prof. Chediak critica a Homero Pires, autor da seleção e do prefácio da edição comemorativa do centenário de nascimento do Poeta (1847-1947) que, baseando-se na edição de *O Myosote*, declara:

O texto que aqui estampamos é reprodução do manuscrito autêntico de Castro Alves que, em 1896, D. Adelaide de Castro Alves Guimarães ofereceu, na Bahia, a Múcio Teixeira, e que hoje pertence ao arquivo da Casa de Rui Barbosa, – em colação com a primeira impressão de 1869. A esta escaparam alguns manifestos erros de revisão, que o autógrafo resolve, como, por outro lado, a publicação da *Miosótis* revela alterações, aliás poucas, feitas ao texto pelo próprio autor.

Tal declaração é refutada pelo Prof. Chediak que diz estar provado que C.A. não reviu a 1.^a edição. Retifica também o nome do jornal *O Myosote* e não *A Miosótis* como escrevera Homero Pires.

O trabalho do Prof. Chediak segue, como já afirmamos, os princípios filológicos, aplicando a doutrina de Karl Lachmann, fundador da moderna crítica textual, cujas fases compreendem a *Recensio*, a *Collatio*, e *Estemática* e a *Emendatio*.

Na *Recensio*, pesquisa e coleta de todo o material existente da obra, o Prof. Chediak utilizou o manuscrito de *Tragédia no Mar*, *codex unicus*, e as edições impressas (*codices plurimi*).

Propõe-se expor como o texto foi tratado desde a 1.^a edição de 1869 até a última, de 1997. Apresenta o original autógrafo, que foi escaneado de exemplar fotografado e, ao lado, o texto impresso, o que facilita a leitura dos consulentes. O mesmo faz com a edição de *O Myosote*.

Cotejou com o original o total de 68 textos impressos, numerando-os com algarismos romanos, e àqueles que tiveram mais de uma edição vêm apensadas letras minúsculas: VIII a, VIII b, VIII c etc.

Sobre o original de que, como afirma, não se conhecia cópia autógrafa, o Prof. Chediak tece comentários sobre a rima, a ortografia, os ditongos e a pontuação, justificando as preferências do Poeta.

A 2.^a edição, publicada em 1870, no *Jornal da Tarde*, periódico do Rio de Janeiro, baseou-se na 1.^a edição de *O Myosote*. O Prof. Chediak destaca ainda a edição de 1921, em *Obras Completas*, da Francisco Alves, comemorativa do quinquentenário do Poeta, sob a responsabilidade de Afrânio Peixoto, considerada a mais completa, e a edição de centenário, publicada em 1947, em *Poesias Escolhidas*.

Aí começa, realmente, o trabalho especializado do filólogo. Primeiro colaciona o texto da 1.^a edição de *O Myosote* com o manuscrito autógrafo, na íntegra. Dos 240 versos do poema, 135 são divergentes no texto da 1.^a edição, o que já demonstra não ter sido revista pelo Poeta. A seguir, o Prof. Chediak faz a colação dos versos que se diferenciam entre a 2.^a edição do *Jornal da Tarde* e a 1.^a, de *O Myosote*, onde há 48 divergências. Há ainda as colações entre os textos do *Jornal da Tarde* e a edição de 1921, com 157 divergências; a ed. de *Obras Completas*, de 1921, com o manuscrito; entre *Poesias Escolhidas*, 1947, e o manuscrito, em que há 62 versos diferenciados; e a colação entre *Poesias Escolhidas* e *O Myosote*, encontrando-se 122 divergências.

Essas colações, que visam a destacar as principais edições, antecedem a colação de todos os 240 versos do poema entre os 68 textos, perfazendo 15 123 dos textos integrais e 875 parciais, num total de 15 998 versos. Mas o trabalho não se resume à colação. A grandeza do estudo feito por Antônio José Chediak está, principalmente, nos comentários do erudito filólogo, cujas lições são de primeiríssima qualidade. Aponta os lapsos das várias edições, explica-os, enriquece-os com comentários ilustrativos, faz comparações, exemplificando outros autores, inclusive Machado de Assis e Camões. Para se ter uma ideia de suas ricas intervenções, citamos o verso n.º 25: (*Oh! Que doce harmonia traz-me a brisa!*) sobre o qual utiliza nada menos do que 35 páginas!

Defende a colocação enclítica do pronome, de valor antes estilístico que gramatical, com fartíssima exemplificação, concluindo que a espontaneidade de Castro Alves levava-o a “colocar bem os pronomes e enriquecer a rima.”

Vê-se que o filólogo não se ateve aos elementos substantivos da doutrina textual: *recensio*, *collatio*, *estemática* e *emendatio*, mas utilizou também os elementos adjetivos, tanto os de *ordem filológica*: ortografia do autor e do manuscrito, estudo fonético e outros, quanto os de *ordem literária*, como: autenticidade do texto, personalidade literária do autor, estrutura, temas, linguagem poética, técnicas versificatórias, fórmulas estróficas, rimárias, ou de *ordem bibliográfica*: relação das edições do texto, apreciação crítica e ainda, segundo Segismundo Spina,

outros elementos adjetivos como interpretação, comentários, notas e glossário. De tudo isso utilizou-se o Prof. Chediak, mas, como diz o provérbio: "*Verba volant, scripta manent, sed exempla trahunt*", ilustremos, com alguns exemplos, passagens dos comentários do Prof. Chediak.

Verso 1.º: "*Stamos em pleno mar... Doudo no espaço*"

Do autógrafo comparado com a ed. XXXVIII b, de H. Lopes Rodrigues Ferreira, s/d – Castro Alves, Rio, Pongetti – 1.º vol.

Estamos em pleno mar... Doido no espaço

Comenta o filólogo:

A restauração da forma plena – Estamos faz do decassílabo original um hendecassílabo, quebrando, assim, a isometria estrófica e, conseqüentemente, mudando o ritmo do verso original. Foi retificado no 3.º vol.

Ensina o Prof. Chediak que "oi/ou coexistem na língua e alternam-se na prosa e no verso." Exemplifica-os nos poetas românticos: Domingos José Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Sousândrade, Junqueira Freire, Laurindo Rabelo, Fagundes Varela e outros, concluindo: "Não se trata, pois, de achar que doido é melhor do que doudo ou o inverso. Trata-se de que o Poeta usou doudo. E ponto final."

Verso 21 – autógrafo: (*Bem feliz quem ali pode nest' hora*)

Verso 22 – autógrafo: *Sentir deste painel a imensidade!*...

Ed. *O Myosote* (1.ª ed.): *Sentia desse painel a majestade!*

Na 1.ª ed. de *O Myosote*, e na 2.ª ed., do *Jornal da Tarde*, aparece majestade por imensidade, bem como em todas as demais edições do poema.

Homero Pires, em *Poesias Escolhidas*, comentando o poema, explica: "Na estrofe 6.ª, versos 2.º e 4.º, no manuscrito a rima dos dois versos é a mesma: imensidade. Na Miosótis fez o poeta a correção que adotamos."

Comenta o filólogo:

"A "correção" a que se refere o comentarista consistiu em substituir imensidade por majestade. E assim se fez desde a primeira redação pública do poema, em 1869, n' *O Myosote*. Não se trata, pois, de "rima dos dois versos", mas de palavra toda inteira.

Restaria demonstrar por que razão o Poeta, se o fez, não retificou no original autógrafo os erros, numerosíssimos, e de suma gravidade, aqui apontados. A simples invocação do *Jornal Literário* — *O Myosote* — não respalda a substituição. Como demonstramos, está-se vendo a cada verso, Castro Alves não reviu as provas tipográficas da primeira redação pública de seu poema."

A substituição de *sentir* por *sentia* só ocorre na 1.ª ed. de *O Myosote*, constituindo erro óbvio.

A forma *desse* em lugar de *deste* só aparece na redação de *O Myosote* e na do *Jornal da Tarde*.

Explica-nos o filólogo:

Para descrever tudo o que se passava, o Poeta imaginou-se dentro do painel, e o painel era tudo o que se desdobrava a seus olhos: O navio, o mar, o céu. Por isso empregou deste.

Verso 26 – autógrafo: *Que música suave ao longe soa!*

Texto V *Espumas Flutuantes*: *Que música tão suave ao longo soa!*

5.^a ed. correta e aumentada, RJ, Cruz Coutinho, 1881.

Comenta o filólogo:

O Poeta manteve o hiato em suave, com isto deslizando o verso num ritmo decassílabo heróico. Mas Cruz Coutinho perturba, com um tão intruso, a entoação do verso. Além do (músi)ca tão, há de se ditongar o hiato de suave (sinérese), a fim de tornar o verso decassílabo.

Verso 47 – autógrafo: *Amo a cadência do verso*

Que lhe ensina o velho mar!

A 1.^a pessoa verbal ocorre no autógrafo e na redação de *O Myosote*. A partir do *Jornal da Tarde*, as demais edições substituem-na pela 3.^a pessoa: ama.

Homero Pires em *Poesias Escolhidas* justifica a substituição: “ Tanto no autógrafo como na Miosótis: “ Amo a cadência do verso”, o que não é possível como prova o contexto geral.”

O Prof. Chediak retruca tal opinião:

Não tem razão o erudito comentarista. No último verso da 1.^a parte, o Poeta, invocando Albatroz, pede-lhe as asas [*Albatroz! Albatroz! Dá-me estas asas*] Por que não poderia o Poeta dizer que ele, o autor do poema, ama a cadência do verso que lhe ensina, a ele, nauta, o velho mar?

Versos 227 e 228 – autógrafos: *Estandarte que a luz do sol encerra / E as promessas divinas da esperança...*

No texto VI, em *Os Escravos*, ed. popular da Tipografia de Serafim José Alves, 1883, precedida de biografia do Poeta por Múcio Teixeira, lê-se:

v. 227 – Estandarte que à luz do sol encerra

v. 228 – As promessas divinas da esperança...

Comenta o filólogo:

Castro Alves não pôs acento indicativo de crase no a por considerar a luz do sol objeto direto de encerra, de que o verso seguinte

é também objeto direto, tornando-o composto por dois núcleos, luz e promessas. Justapondo os dois versos e pondo-os na ordem direta, teremos – Estandarte que encerra a luz do sol E as promessas divinas da esperança. A vírgula no fim do verso é estilística: indica pausa para enfatizar o verso seguinte.

A partir da edição popular de 1883 com prefácio de Múcio Teixeira foi posto o acento indicativo de crase no a, o mesmo ocorrendo na edição de 1921, de *Obras Completas*. Também nessas edições não consta a vírgula depois de *encerra*.

Acrescento que tal emenda no *a* ocorreu em 24 textos.

ALGUNS EXEMPLOS DA COLAÇÃO ENTRE TEXTOS

COLAÇÃO ENTRE *O MYOSOTE* E *O MANUSCRITO* – DIVERGÊNCIAS

- v. 49 – Ms – Cantai! que a noite é divina
My – Cantai! que a morte é divina
- v. 161 – Ms – Trazendo com líbios passos
My – Trazendo com túbios passos
- v. 188 – Ms – A guerra, a caça ao leão
My – A guerra a caça, o leão
- v. 209 – Ms – Se eu deliro ... ou se é verdade
My – se é loucura ... se é verdade
- v. 217 – Ms – E existe um povo que a bandeira empresta
My – Existe um povo que a bandeira empresta
- v. 226 – Ms – Que a brisa do Brasil beija e balança,
My – que a brisa do Brasil beija a balança:
- v. 240 – Ms – Colombo! fecha a porta de teus mares!
My – Colombo! fecha a porta dos teus lares!

EXEMPLOS DIVERGENTES ENTRE *O JORNAL DA TARDE* E *O MANUSCRITO AUTÓGRAFO*

- v. 22 – Ms – Sentir deste painel a imensidade
JT – Sentir desse painel a majestade
- v. 49 – Ms – Cantai! que a noite é divina
JT – Cantai! que a sorte é divina
- v. 92 – Ms – Que das luzernas avermelha o brilho,
JT – Que avermelha das luzernas o brilho,
- v. 94 – Ms – Tinir de ferros ... estalar do açoite
JT – Tinir de ferros o estalar de açoite

v. 178 – Ms – Depois o oceano de pó
JT – Depois o oceano em pó

v. 193 – Ms – Tendo a peste por jogar
JT – Tendo a peste por jugar

EXEMPLOS DIVERGENTES ENTRE A EDIÇÃO DE *OBRAS COMPLETAS*,
DE 1921, E O *MANUSCRITO AUTÓGRAFO*

v. 39 – Ms – Oh! Quem me dera acompanhar-te a esteira...
OC – Oh! Quem me dera acompanhar a esteira

v. 53 – Ms – Saudosa a bandeira acena
OC – Saudosa bandeira acena

v. 88 – Ms – Porém que vejo aí... que quadro de amarguras!
OC – Porém que vejo eu aí... que quadro de amarguras!

v. 89 – Ms – Que canto funeral ! Que tétricas figuras!
OC – É canto funeral! ... Que tétricas figuras!

v. 108 – MS – Ouve-se gritos ... o chicote estala
OC – Ouvem-se gritos ... o chicote estala

v. 122 – Ms – E da ronda fantástica a serpente
OC – E da roda fantástica a serpente

v. 149 – Ms – Onde voa em campo aberto
OC – Onde vive em campo aberto

v. 154 – Ms – Homens simples, fortes, bravos...
OC – Ontem simples, fortes, bravos...

v. 156 – Ms – Sem luz, sem ar, sem razão...
OC – Sem ar, sem luz, sem razão

v. 204 – Ms – E assim roubados à morte
OC – E assim zombando da morte

v. 219 – Ms – E deixa-a transformar-se nesta festa
OC – E deixa-a transformar-se nessa festa

v. 235 – Ms – O trilho que Colombo abriu na v'ga
OC – O trilho que Colombo abriu nas vagas

Após os testemunhos da tradição direta e da Collatio, faz-se o levantamento da filiação dos manuscritos e da forma de transmissão, constituindo-se uma árvore genealógica. A esta fase tecnicamente se denomina Estemática (< gr. στήμμα, στήμματος “coroa”).

Os desvios dos textos podem dar-se por:

- a) transmissão vertical quando deriva diretamente do original;
- b) transmissão horizontal – deriva-se do confronto de exemplos da mesma época;
- c) transmissão universal – deriva-se da colação de exemplos de épocas diferentes

Para se verificar a procedência do verso, distinguem-se os erros conjuntivos, i.é., os desvios que unem membros da mesma família, da mesma tradição, e os erros separativos, que separam os membros de uma família, sendo, portanto, de outra tradição.

O Prof. Chediak apresenta-nos um exemplo dessa genealogia, através da colação do texto n.º XXIX: *As mais belas poesias de Castro Alves*, escolhidas por José Régio, de 1965, que, pelos erros conjuntivos e separativos teve por fonte o texto XV: *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*, elaborada por Manuel Bandeira em 1937.

O texto n.º XXIX apresenta dez erros conjuntivos, i. é., em relação à sua fonte, o texto n.º XV a, que são erros separativos, também, em relação a outros textos.

Aqui, só exemplificamos quatro, como ilustração.

XV a) XXIX – brinca o luar – dourada borboleta.

Ms – Brinca o luar – doirada borbuleta

XV a) XXIX – Os astros saltam como espumas de ouro...

Ms – Os astros saltam como espuma de ouro...

XV a) XXIX – Constelações de líquido tesouro...

Ms – Constelações do líquido tesouro.

XV a) XXIX – E no mar e no céu- a imensidade!

Ms – E no mar e no céu – a imensidade...

A última etapa dos elementos substantivos é a Emendatio: modificações no texto referentes, por exemplo, a particularidades ortográficas, elisões, sinais de pontuação, abreviaturas e outras adequações para facilitar a leitura da tradição impressa.

O Prof. Chediak não fez modificações no texto *Tragédia no Mar*, inclusive transcrevendo-o impressamente de acordo com o autógrafo, por se tratar de um *codex unicus*.

Resta uma palavra sobre o Apêndice. Nele o Prof. Chediak defende Castro Alves das críticas de Múcio Teixeira, autor da biografia do Poeta e do prefácio da edição popular de 1883. Refuta também os pseudoerros apontados pelo biógrafo, como:

Castro Alves não sabia metrificar o alexandrino, abusava do adjetivo infinito, – e ainda – rimava orgia com Bórgia, e muitos outros.” Explica-os, um a um, com sua reconhecida competência, em 37 páginas, abonando-os fartamente, não só com a própria obra do Poeta, mas também de outros autores e dentro da perfeita técnica da versificação.

CONCLUSÃO

Eis, portanto, um trabalho de Crítica Textual realizado por um dos mais competentes filólogos, que honra esta Academia.

Além das etapas aqui descritas, cumpre lembrar que ainda completam o trabalho sobre *Tragédia no Mar*, de Castro Alves:

- quadro demonstrativo dos versos e dos números variantes;
- vocabulário completo do poema;
- fac-símile do original autógrafo;
- texto repetido ao lado impressamente;
- o texto de *O Myosote*, da edição de 1869;
- bibliografia
- índice onomástico

Como nos diz no prefácio o Prof. Chediak, constava de seu planejamento inicial o estudo também de *Vozes d'África*. Contudo, o volume de trabalho do texto *Tragédia no Mar*, perfazendo 695 páginas, não permitiu a inclusão daquele poema, não menos importante, do Poeta dos Escravos.

Por último, peço licença ao eminente Mestre para fazer aqui algumas considerações sobre suas palavras no prefácio, quando assim adverte:

Aos comentários sotopostos aos versos não se aplica o pretexto a que se referem, certamente a outras obras, os eruditos editores de textos críticos, nas *Cantigas de Pero Meogo*, Leodegário Amarante de Azevedo Filho, e, nas *Cantigas de Pero Mafaldo*, Segismundo Spina.

Na Introdução das *Cantigas de Pero Meogo*, o erudito filólogo Leodegário Amarante de Azevedo Filho combate a erudição exibicionista quando o “texto é transformado em simples pretexto para as mais diversas elucubrações filológicas.” E, mais adiante: “o texto está acima de tudo.”

Claro, Prof. Antônio José Chediak, que nenhum crítico jamais atribuiria a seu trabalho aquele pretexto a que se referiram os dois medievalistas de “erudição exibicionista”. Em primeiro lugar, porque o seu nome, há décadas, já ocupa uma posição destacada nos estudos filológicos, pelas contribuições que lhe devem a língua portuguesa, o magistério e o País. Em segundo lugar, sua obra mereceu a honra de ser publicada pela Academia Brasileira de Letras, onde o seu nome é res-

peitado entre os Imortais. E, em terceiro lugar, basta que se leia com a devida atenção o trabalho aqui descrito para se aquilatar a argúcia do filólogo, a competência do mestre da língua, aliada a um profundo conhecimento de nossos escritores.

Afirmo que poucos levariam a termo o estudo de verso por verso, cotejando 68 textos, comentando com mestria, principalmente, as inúmeras passagens em que os editores e prefaciadores se arvoram em ‘corrigir’, ‘emendar’ o que o grande vate deixou escrito no *codex unicus*.

Prof. Antônio José Chediak, por sua obra, a posteridade lhe atribuirá as palavras de Horácio:

“Exegi monumentum aere perennius”.